



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 30/09/2022 a 06/10/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

urante **ENDEREÇO:** RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSILON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
30/09/2022	13,64	403,20	65,35	9,21	6,77
03/10/2022	13,74	405,60	66,88	9,12	6,80
04/10/2022	13,83	403,00	68,63	9,03	6,83
05/10/2022	13,69	402,50	69,02	9,02	6,84
06/10/2022	13,58	397,40	69,67	8,79	6,75
Média	13,70	402,34	67,91	9,03	6,80

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	164,00	
RS – Não Me Toque	164,00	
RS – Londrina	161,00	
PR – Cascavel	159,00	
MT – C.N.Parecis	152,00	
MS – Maracaju	164,00	
GO - Rio Verde	157,00	
BA – L.E.Magalhães	159,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	88,00	CIF
Porto de Paranaguá	93,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	84,00	
SC – Rio do Sul	85,00	
PR – Cascavel	75,00	
PR – Londrina	75,00	
MT – C.N.Parecis	65,00	
MS – Maracaju	73,00	
SP – Itapetininga	78,00	
SP – Campinas	84,00	CIF
GO – Rio Verde	70,00	
GO – Jataí	70,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	90,00	
RS – Não Me Toque	90,00	
PR – Londrina	91,00	
PR – Cascavel	95,00	

Período: 05/10/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 06/10/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	84,02	171,82	90,95

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
06/10/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	75,16
Feijão (saco 60 Kg)	239,09
Sorgo (saco 60 Kg)	63,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,60
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,81**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,92

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Setembro/22 - média cf. Cepea/Esalq
ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, continuaram recuando nesta semana, aceleradas neste movimento pelas informações vindas do relatório de estoques trimestrais nos EUA, o qual foi anunciado no dia 30/09.

Assim, o fechamento deste dia 06/10 (quinta-feira), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 13,58/bushel, contra US\$ 14,10 uma semana antes. O valor atual não era visto desde meados de janeiro passado. Por sua vez, a média de setembro fechou em US\$ 14,60/bushel, ou seja, 6,9% abaixo da média de agosto. Para comparação, lembramos que a média de setembro do ano passado foi de US\$ 12,77/bushel.

Dito isso, o relatório de estoques, na posição 1º de setembro, indicou um aumento de 7% sobre o existente na mesma data do ano passado. Tais estoques estavam em 7,46 milhões de toneladas. Baseado neste contexto, o USDA revisou um pouco para cima a última safra colhida nos EUA.

Além disso, até o dia 1º de outubro a colheita nos EUA chegava a 22% da área, avançando, em uma semana, 14 pontos percentuais. Com isso, a mesma ficou acima das expectativas do mercado, que era de 20%, e próxima aos 25% da média histórica. Das lavouras a colher, havia ainda 81% das mesmas na fase de maturação, derrubando as folhas, contra 79% na média dos últimos anos.

Portanto, além do relatório, o mercado sofre pressão baixista da colheita nos EUA; do ritmo de plantio na América do Sul; da demanda menos intensa da China; e do comportamento dos Fundos, atraídos pelos títulos do governo estadunidense na medida em que o juro básico dos EUA continua subindo. Ou seja, os efeitos da guerra da Rússia contra a Ucrânia já não aparecem tanto. Mesmo assim, importante se faz salientar que a recente decisão da OPEP, em cortar sua produção, pode elevar o preço do petróleo e puxar o restante das commodities. Tanto é verdade que o óleo de soja, em Chicago, voltou a ultrapassar os 69 centavos de dólar por libra-peso, algo que não era visto desde o início de setembro.

Já na Argentina, neste dia 30/09 se encerrou a vigência do chamado “dólar soja”, sendo que em 19 dias úteis os produtores locais venderam 15,8 milhões de toneladas de soja atraídos por este dólar. Com isso, o volume comercializado representa 40% de toda a safra 2021/22 daquele país. Quanto a futura safra de soja do vizinho país, há grande preocupação com a continuidade do fenômeno La Niña, pelo terceiro ano consecutivo. Assim, a expectativa é de que sejam semeados 16,07 milhões de hectares com a oleaginosa, resultando em uma produção de 48 milhões de toneladas se o La Niña deixar.

Com isso, a produção total de grãos e cereais da Argentina, para 2022/23, alcançaria 127,7 milhões de toneladas. Como se nota, uma produção total menos da metade da brasileira. Em tal contexto, as exportações argentina de grãos deverá se reduzir em 9,2%, lembrando que lá existe o imposto de exportação, enquanto o Produto Bruto Agrícola (PBA) ficaria em US\$ 50,7 bilhões, ou seja, 11,8% menor do que o da safra 2021/22.

E no Brasil, diante de um câmbio que voltou a operar abaixo dos R\$ 5,20 em boa parte da semana; diante de prêmios menores devido ao efeito “dólar soja” na Argentina; e diante do recuo em Chicago, os preços voltaram a cair. A média gaúcha no balcão fechou a semana ainda em R\$ 171,82/saco, porém, as principais praças estaduais operaram com R\$ 164,00/saco. Este valor é um dos mais baixos do corrente ano. Já nas demais praças nacionais o preço da soja oscilou entre R\$ 152,00 e R\$ 164,00/saco.

Dito isso, o plantio da nova safra nacional da oleaginosa atingia a 4,5% da área no dia 30/09. Espera-se uma área total de 42,9 milhões de hectares e uma produtividade média, se o clima ajudar, em 3.550 quilos/hectare. Com isso, a produção final brasileira poderá atingir a 151,5 milhões de toneladas, ou seja, 20,3% superior a parcialmente frustrada safra anterior. (cf. Safras & Mercado)

Especificamente no Mato Grosso, o plantio avançou para 6,3% da área esperada até o dia 30/09, lembrando que a média histórica para o período é de 1,8%. Espera-se um aumento de 2,9% na área semeada, com a mesma atingindo a 11,8 milhões de hectares naquele Estado. Assim, a produção local está projetada em 41,5 milhões de toneladas de soja.

Com o dólar, no Brasil, tendo a sua maior perda diária no dia seguinte às eleições do primeiro turno, desde junho de 2018, e mais a realidade argentina, os preços da soja nos portos brasileiros caíram até R\$ 10,00 por saco, puxando para baixo os preços aos produtores rurais.

Enfim, estudo feito sobre a realidade da soja no Paraná mostra que as relações de troca da oleaginosa, diante de seus principais insumos, foi ruim para o grão, com o mesmo perdendo poder de compra no mercado de insumos, na comparação com o ano anterior. Algo que já se sabia e que atingiu ainda mais fortemente o Rio Grande do Sul. Segundo a Datagro, realizadora do estudo, houve piora nas relações de troca da soja diante de todos os sete insumos analisados (fertilizantes, ureia, sementes, calcário, óleo diesel, herbicidas e colheitadeiras) na comparação com o mesmo período do ano anterior. No comparativo com a média histórica de 10 anos, a piora foi observada em seis dos sete produtos.

No caso dos fertilizantes, tomando como base a formulação NPK 04-30-10, a relação de troca piorou consideravelmente desde o ano passado, passando de 21,04 sacos em agosto de 2021 para 28,43 no mesmo mês deste ano, ante média histórica dos últimos 10 anos de 19,82 sacos. Já a média histórica da ureia é de 20,45 sacos de soja para adquirir uma tonelada do insumo. Esta relação, que já era de 21,17sacos no ano passado, passou para 27,77 sacos no último mês. Enquanto isso, os preços das sementes, que voltaram a subir, levaram a relação de troca de 2,85 sacos para 3,23, lembrando que a média histórica de 10 anos é de 2,53 sacos. No caso do calcário dolomítico moído, em agosto deste ano se gastaria 1,19 saco de soja para adquirir uma tonelada, ante 0,98 em igual período de 2021. Porém, neste caso, ainda abaixo da média de 10 anos que é de 1,48 saco. No que diz respeito à aquisição de 100 litros de óleo diesel, a relação de troca subiu de 2,66 sacos, em agosto de 2021, para 3,98 sacos no mesmo mês deste ano. A média histórica é de 3,77 sacos de soja. No caso dos herbicidas, para adquirir cinco litros de Roundup, a troca passou de 0,97 saco em agosto do ano passado para 2,78 neste ano, contra a média histórica de 1,14 sacos.

Enfim, observa-se, no geral, piora no poder de compra da soja sobre as máquinas agrícolas (colheitadeiras). No caso da colheitadeira John Deere 1470 de 193 CV, a relação de troca, que tem média histórica de 6.465 sacos por unidade, avançou de 6.707 em 2021 para 8.404 sacos em agosto de 2022. E isso que os preços da soja subiram muito nestes últimos dois anos. (cf. Datagro)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, voltaram a subir um pouco nesta semana, com o bushel do cereal, para o primeiro mês, fechando a quinta-feira (06) em US\$ 6,75, contra US\$ 6,69 uma semana antes. Já a média de setembro fechou em US\$ 6,81/bushel, com aumento de 7,8% sobre agosto. Lembrando que a média de setembro de 2021 foi de US\$ 5,18/bushel.

O relatório trimestral de estoques, nos EUA, indicou um aumento de 12% em 1º de setembro, sobre a posição de setembro de 2021, totalizando 34,6 milhões de toneladas. A produção final de 2021/22 acabou sendo levemente reduzida.

Quanto a colheita da nova safra nos EUA, a mesma atingia a 20% da área no dia 1º de outubro, contra 22% na média histórica. Do que falta colher, 75% das lavouras de milho estão em fase de maturação.

Por sua vez, a Comissão Europeia cortou sua projeção de safra de milho na União Europeia, trazendo a mesma para 55,5 milhões de toneladas. Com isso, vai se confirmando a tendência de os europeus terem a menor safra de milho dos últimos 15 anos. Foi a terceira redução, provocada pela seca que atingiu as plantações da União Europeia. Já para 2022/23 espera-se uma importação de milho ao redor de 21 milhões de toneladas naquela região, enquanto as exportações recuariam para 3,5 milhões. Já o uso de milho na ração animal recuou 4,2 milhões de toneladas, para ficar em 60,5 milhões de toneladas.

E aqui no Brasil, os preços do cereal se mantiveram estáveis, com a média gaúcha, no balcão, fechando a semana em R\$ 84,02/saco, enquanto nas demais praças nacionais o produto permaneceu entre R\$ 65,00 e R\$ 85,00/saco. Por sua vez, no início do pregão do dia 06 de outubro, a B3 apresentava os seguintes valores: novembro/22 em R\$ 86,21/saco; janeiro/23 em R\$ 91,30; março/23 em R\$ 94,01; e maio/23 em R\$ 92,65/saco.

Enquanto isso, o plantio da nova safra de verão, no Brasil, atingia praticamente 37% da área até o dia 30/09, ficando dentro da média histórica. Por Estado produtor, o plantio de milho atingia a 66,8 % da área prevista de 1,204 milhão de hectares no Rio Grande do Sul; 50,2% da área estimada de 719.000 hectares em Santa Catarina; 60,3% da área prevista de 591.000 hectares no Paraná; 5,7% da área de 322.000 hectares em São Paulo; e 0,8% da área de 946.000 hectares em Minas Gerais. Em Mato Grosso do Sul, Goiás/Distrito Federal e Mato Grosso o plantio ainda não iniciou. (Safras & Mercado)

Nas exportações, o Brasil vendeu 6,78 milhões de toneladas de milho em setembro. O volume ficou 137,9% superior ao exportado em setembro de 2021. Esta boa exportação está sustentando os preços nos atuais níveis, mesmo com o país tendo colhido uma safrinha recorde. O Brasil ainda teria 40% da safrinha em mãos dos produtores, esperando para ser negociada, algo que equivale entre 35 e 38 milhões de toneladas. Já o preço da tonelada exportada subiu 51,3% em um ano, chegando a US\$ 283,60. (cf. Secex)

Pelo lado das importações, o país comprou no exterior um total de 401.088 toneladas de milho em setembro. Em todo o mês o país recebeu 1,5% a menos de milho, na comparação com o mesmo mês do ano anterior. Os preços médios de importação caíram 10,6% no ano, ficando atualmente em US\$ 217,30.

Em termos estaduais, segundo o Imea, o Mato Grosso deverá semear 7,27 milhões de hectares de milho em 2022/23, ou seja, um aumento de 1,8% sobre o ano anterior. Com isso, em clima normal, o Mato Grosso deverá colher 45,5 milhões de toneladas de milho, com incremento de 3,9%. Espera-se uma produtividade média de 104,3 sacos/hectare.

No Mato Grosso do Sul, diante da revisão para cima na produção final de milho safrinha, o volume estimado está agora em 11,47 milhões de toneladas, com produtividade média de 96 sacos/hectare. Em relação à safra anterior, os novos dados representam incremento de 101% na produtividade e 75% na produção. Até o momento, foram comercializados 50,2% da safra do grão, ao preço disponível de R\$ 72,24. (cf. Famasul)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, após ficarem acima dos US\$ 9,00/bushel na maior parte da semana, acabaram recuando na quinta-feira (06). O primeiro mês cotado fechou este dia em US\$ 8,79/bushel, contra US\$ 8,96 uma semana antes. A média de setembro fechou em US\$ 8,55/bushel, com aumento de 9% sobre a média de agosto. Já em setembro de 2021 a média foi de US\$ 7,03/bushel.

O relatório de estoques trimestrais de setembro apresentou uma alta de 1% para o trigo, sobre o mesmo mês do ano anterior, com os mesmos ficando em 48,3 milhões de toneladas.

Por sua vez, o plantio do trigo de inverno, nos EUA, atingia a 40% da área esperada no dia 02/10, contra 44% na média histórica, sendo que 15% deste trigo já estava emergido, contra 17% na média histórica. Por fim, a colheita do trigo de primavera está finalizada.

Vale ainda destacar que o USDA estabeleceu que a atual safra de trigo nos EUA atingirá a 44,9 milhões de toneladas, ficando 7,2% abaixo do que o mercado estimava. Neste contexto, a safra de trigo de inverno atingiria 30 milhões de toneladas daquele total.

Por outro lado, na Ucrânia, o ritmo de plantio do trigo de inverno é quase três vezes menor do que o visto no ano anterior, devido à guerra com a Rússia. Por enquanto, apenas 27% da área total esperada foi semeada, contra 76% no ano anterior. Além da guerra, as chuvas e a falta de recursos estaria atrasando o processo.

E aqui no Brasil, os preços do trigo ainda se mantêm relativamente estáveis, porém, com viés de baixa. A média gaúcha, no balcão, fechou a primeira semana de outubro em R\$ 90,95/saco, enquanto no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 91,00 e R\$ 95,00/saco.

Dito isso, no Rio Grande do Sul algumas áreas começaram a ser colhidas, atingindo a 2% da área total. Esta colheita estaria acontecendo no oeste do Estado, sendo que 40% da área a ser colhida está em fase de floração e 39% em enchimento de grãos. (cf. Emater) Por enquanto, as lavouras estão em excelente estado, sendo que as geadas de agosto e setembro pouco as prejudicou. Já no Paraná, até o dia 03/10, em torno de 42% da área de trigo havia sido colhida. (cf. Deral)

Enfim, em termos de safra total de trigo no Brasil, para 2022/23, segundo analista privado, a produção poderá ficar em 10 milhões de toneladas, graças ao clima favorável na maioria das regiões produtoras. Diante disso, a projeção de exportação de trigo, pelo Brasil, neste novo ano comercial, chegaria a 2,8 milhões de toneladas, sendo principalmente trigo gaúcho. Neste último ano as vendas externas teriam ultrapassado a 3 milhões de toneladas. Mesmo assim, o país importará 6,2 milhões de toneladas do cereal, enquanto a moagem interna chegaria a 12,2 milhões de toneladas, contra 11 milhões em 2021/22. (cf. StoneX)

Diante de tal realidade, continua sendo muito difícil a manutenção dos preços do trigo nos atuais níveis no Brasil, havendo tendência de novos recuos para o final do ano e início de 2023.